

Descrição do processo produtivo da carne orgânica: pontos fortes e pontos fracos

Description of the production process of organic meat: strong points and weak points

Resumo

Este artigo foi realizado com o intuito de contribuir com a divulgação do processo produtivo da pecuária orgânica. O problema estudado está relacionado com a falta de conhecimento por parte dos consumidores e criadores da produção da carne orgânica, o que a torna pouco comercializada. Foi utilizado o método exploratório em fontes bibliográficas. O processo produtivo da pecuária orgânica apresenta como vantagem a sua forma de manejo ambientalmente justo e socialmente correto, proporcionando um alimento de alta qualidade, livre de agentes químicos para o consumidor. Um dos pontos fortes da pecuária orgânica é a sua certificação, um selo de qualidade que oferece procedimentos e padrões básicos aos criadores, que devem ser rigorosamente respeitados e seguidos. Como fator negativo é a falta de informações claras que enfraquece os conceitos de produtos orgânicos junto aos consumidores, e muitos deles ainda não sabem o que é a carne orgânica e como é a sua produção.

Palavras-chave: pecuária orgânica; alimento orgânico; sistema produtivo orgânico.

Abstract

This article aims at contributing to the production process of organic cattle raising disclose. The analyzed problem is related to the lack of knowledge by a significant number of consumers and organic meat producers, therefore this kind of meat less marketable than expected. An exploratory method of bibliographic sources was used. The production process of organic cattle raising has an advantage in its way of handling the environment in a fair and socially correct manner, providing a chemical-free, high quality food for the consumer. One of the main points of organic cattle rising is its seal of approval, which acknowledges the quality and offers to cattle ranchers the basic procedures, which must be rigorously observed and followed. The lack of clear information is a negative factor that diminishes organic products' reputation with consumers, and a great deal of them still doesn't know what organic meat is or how it is produced.

Keywords: organic cattle raising; organic food; organic production system.

*Diego Gilberto Ferber Pineyrua**
*Anaglis Lucati***

* Doutorando em Administração (Universidad de la Empresa – UDE/Uruguay). Professor de Marketing de Varejo e Teoria Organizacional da Fundação Educacional e Cultural de Santa Fé do Sul – FUNEC. E-mail: dferber15@hotmail.com

** Bacharel em Administração de Empresas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Secretária. E-mail: anaglis_ms@hotmail.com

Introdução

A pecuária bovina de corte vem sofrendo transformações do reflexo da globalização da economia e das modificações do comportamento da sociedade, que passando por vários níveis de transformação e absorção de conhecimento, vem ditando novas regras de comportamento.

Demandas por mais e melhores serviços, além da consciência das pessoas quanto à ecologia e à importância atribuída à saúde física e ao bem estar, aumentam o interesse pelos fatores relacionados com a qualidade e a segurança dos alimentos consumidos.

A crescente importância por parte da segurança dos alimentos e a conservação ambiental em todo o mundo fazem com que a produção da carne orgânica ocupe uma posição de destaque no mercado internacional, surgindo como uma forma alternativa de um sistema de produção que oferece um produto livre de resíduos químicos, capaz de proporcionar ao consumidor final a garantia de proteção ambiental. Diante destas novas tendências, é possível destacar que a pecuária de corte passa por uma nova fase, a qual deixa o sistema comum dividido em dois sistemas diferentes: o sistema produtivo da pecuária bovina de corte convencional e o sistema produtivo da pecuária bovina de corte orgânica.

Nesse contexto, de acordo com Camargo (2004), a produção de alimentos saudáveis, que utilizam tecnologia limpa, como a agricultura orgânica, conquistou intenso impulso em todas as partes do mundo, movimentando o mercado internacional. A Federação Internacional de Movimentos da Agricultura Orgânica (Ifoam) é a entidade responsável pela elaboração das normas básicas de certificação de todas as correntes de agricultura orgânica no mundo. Segundo os mesmos, tal atividade de regulamentação começou com a intenção de afastar os agentes econômicos oportunistas, que viram a agricultura orgânica como uma nova oportunidade de lucro.

Segundo Aligleri, Aligleri e Kruglianskas (2009) para as práticas agrícolas serem focadas no desenvolvimento

sustentável, precisam, além de abranger a eficiência ecológica, reduzir o uso de agroquímicos, energia, água e promover a conservação de recursos naturais e da biodiversidade.

Aparentemente, ambos os sistemas parecem semelhantes à primeira vista. Muitas pessoas não sabem da existência da pecuária bovina de corte orgânica como uma opção de consumo para a mesa do consumidor brasileiro. A oferta pode ser, por enquanto, escassa, mas ela existe.

A importância atribuída a este artigo deve-se ao fato de que, em tempos atuais, e cada vez mais, os consumidores estão tornando-se gradativamente mais exigentes, principalmente quando o produto adquirido para seu consumo trata-se de um item de sua alimentação, como a carne bovina, neste caso, item de grande valor para o consumidor brasileiro e internacional, o que permite que haja questionamentos sobre sua qualidade, discussões sobre sua procedência e ainda, a observação dos reflexos que seu consumo poderá trazer à saúde do ser humano.

A produção de carne bovina alimenta a economia de várias regiões do país, o que desperta o interesse pelo estudo da pecuária bovina de corte orgânica e do seu processo produtivo e, conseqüentemente, sua comercialização, o que torna o estudo oportuno, devido à possibilidade de este produto vir a tornar-se uma grande vantagem competitiva no mercado interno e externo, pois, o sistema produtivo da pecuária orgânica destaca-se por possuir características de uma atividade economicamente viável, socialmente justa e ambientalmente correta, características estas que podem fazer a diferença em um mercado rigorosamente competitivo.

A agropecuária orgânica faz parte de um amplo e variado conjunto de técnicas e práticas rurais, que são adaptáveis conforme a realidade local e de acordo com os princípios sociais, biológicos e ecológicos, buscando sempre respeitar o bem estar de seus elementos de origem vegetal, animal, do homem e da reciclagem de seus recursos naturais (CARRIJO; ROCHA, 2002).

Este artigo tem como objetivo geral descrever o sistema produtivo da pecuária bovina de corte orgânica identificando suas características e seus pontos fortes e fracos.

Segundo Santos (2005), o sistema de produção da pecuária de corte orgânico baseia-se numa visão holística, dentro de princípios de agroecossistemas sustentáveis, cujo enfoque principal engloba dois componentes essenciais: o ambiental e o social, objetivando uma produção que mantenha o equilíbrio ecológico dos agroecossistemas e com a satisfação, direta ou indireta, das necessidades humanas.

Diante do exposto, o problema de pesquisa que este artigo visa investigar está relacionado com o processo produtivo da pecuária orgânica, ou seja, o conhecimento do processo produtivo por parte dos consumidores e dos pecuaristas potenciais poderá aumentar o consumo e a produção da carne orgânica?

1 Metodologia

A metodologia aplicada neste artigo esteve voltada através da pesquisa exploratória, a qual visa prover o pesquisador de maior conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa em perspectiva. A pesquisa exploratória pode ser utilizada para familiarizar e elevar o conhecimento e compreensão de um problema de pesquisa em perspectiva, além de auxiliar e desenvolver a formulação mais precisa do problema em questão e auxiliar na determinação de variáveis relevantes a serem consideradas na pesquisa. Um dos métodos da pesquisa exploratória é o levantamento de dados em fontes secundárias, que compreendem os levantamentos bibliográficos e documentais (MATTAR, 1996).

Conforme Gil (1991), a pesquisa exploratória possui um planejamento bastante flexível, de modo que possibilita a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado, envolvendo inclusive o levantamento bibliográfico. A pesquisa referente ao

tema foi realizada conforme informações levantadas sobre a pecuária bovina orgânica.

A pesquisa via *Internet* foi utilizada, pois, conforme afirma Mattar Neto (2005), a pesquisa na *Internet* é uma fonte de levantamento de dados e informações – desde que se avaliem as formas de acesso e as fontes das informações obtidas, e oferece alguns recursos de busca sobre tópicos atuais que seria difícil ou impossível encontrar em bibliotecas, como é no caso da pecuária orgânica.

De posse do material bibliográfico tido como suficiente, de acordo com Gil (1991), passa-se à sua leitura. O método de leitura exploratória foi aplicado neste artigo, para o qual foi realizada uma leitura rápida do material levantado, com o objetivo de verificar em que medida a obra consultada interessa à pesquisa. Após a leitura exploratória, foi realizada a leitura seletiva, que se procede à sua seleção. É a fase em que se determina o material que de fato interessa à pesquisa, sendo esta leitura mais profunda em comparação com a leitura anterior.

Após a leitura seletiva, foi realizada a leitura analítica do material selecionado, na qual foram ordenadas as informações contidas nas fontes, passando por quatro fases distintas, conforme indicado por Gil (1991):

- a) leitura integral da obra ou do texto selecionado, para se ter uma visão do todo;
- b) identificação das ideias-chaves ao longo do texto, selecionando os parágrafos mais significativos, de forma a identificar as ideias mais importantes;
- c) hierarquização das ideias após a identificação das mais importantes, organizando-as por ordem de importância, distinguindo as ideias principais das secundárias;
- d) sintetização das ideias, última etapa do processo da leitura analítica, quando foi recomposto o todo pela análise, eliminando os assuntos secundários e fixando-se nos assuntos essenciais.

2 Revisão bibliográfica

2.1 Origem da pecuária orgânica

Os casos de crise sanitária e de “vaca louca” na Europa, nos anos 2000 e 2001, ajudaram o Brasil a triplicar as exportações de carne. Todavia, a pressão externa induz os pecuaristas a criarem gado de forma mais “ecológica”: o boi verde e orgânico.

Carrijo e Rocha (2002) afirmam que os alimentos orgânicos têm sido mundialmente procurados, por agregarem qualidade aos produtos e oferecerem segurança à saúde dos consumidores, reduzindo-lhes a elevada incerteza sobre contaminações por substâncias tóxicas, cancerígenas ou que possam prejudicar a saúde humana ou animal. O sistema de certificação desempenha um papel fundamental na formação dessa importante imagem mercadológica, com base na rastreabilidade e regras internacionais. Um grupo ainda pequeno de produtores dedica-se a estas atividades, por isso a produção de produtos orgânicos não consegue ainda suprir todo o mercado consumidor.

Para a produção orgânica, deve-se limitar o máximo possível o uso de insumos artificiais, e racionalizar ao máximo a utilização dos insumos naturais como: sol, chuva, vento, marés, luas, nitrogênio, oxigênio e outros elementos que a natureza fornece com dispêndios energéticos muito menores. Para produzir organicamente é necessário observar a natureza, respeitá-la de forma a receber o que ela pode oferecer e retornar a ela o que necessitar, tornando uma constante busca de modos mais naturais e inteligentes de produzir (CARRIJO; ROCHA, 2002).

Um fator importante que determinou a criação da pecuária orgânica foi a busca da redução do metano emitido na atmosfera pelos rebanhos. Pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) constataram uma redução no volume de gases emitidos na atmosfera e uma diminuição do consumo de água pelos animais, substituindo parte da proteína consumida pelo gado por suplementos nas rações.

No Brasil, a produção orgânica iniciou-se na década de 1970, porém o seu aumento se deu a partir do início dos anos 1980, e a partir daí, em 1999, a Instrução Normativa (IN) nº 7 (Anexo A), do Ministério da Agricultura estabeleceu normas de produção, certificação e orientação ao órgão colegiado. O Brasil cultiva cerca de 275.576 hectares em 14.866 propriedades, tendo em média 19 hectares por propriedade, sendo o 3º na América Latina, atrás da Argentina que vem em 1º com 3.192.000 hectares, e do Uruguai que vem em 2º, com 678.481 hectares de áreas orgânicas cultivadas (CAMARGO, 2004).

Camargo (2004) estima que da área cultivada sob manejo orgânico no Brasil, de acordo com estudo de Ormond *et al.* (2002), cerca de 158.000 hectares são voltados para a agricultura e 119.000 hectares para pastagens, na criação de animais. A maior parte da produção orgânica brasileira, 80%, encontra-se nos estados do Sul e Sudeste, em torno de 85% da produção orgânica brasileira é exportada, sobretudo para a Europa, Estados Unidos e Japão, e o restante, 15%, é distribuído no mercado interno.

Segundo Carrijo e Rocha (2002), a produção de alimentos orgânicos, tanto vegetais como animal, no Brasil, segue diretrizes definidas pela Ifoam e pelo regulamento da Comunidade Européia (CE). Estas diretrizes são atacadas e executadas por certificadoras de produtos orgânicos e biodinâmicos mundialmente aceitos, com capacidade de acompanhar seus processos de produção e certificá-los, submetendo-os a sistemáticas auditorias propostas pela Ifoam e outras entidades acreditadoras de atuação internacional.

O diagnóstico do ambiente institucional na produção, processamento e distribuição de alimentos orgânicos, no Brasil, caracteriza-se pelas ações de organizações governamentais e não-governamentais no que diz respeito à difusão do conhecimento, fornecimento de recursos financeiros, regulamentação do mercado, reconhecimento dos atributos convencionais e o papel dos consumidores (CAMARGO, 2004).

Está começando a despontar a pecuária orgânica em áreas extensivas, com destaque para os estados de Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul. Camargo (2004) enfatiza as informações do Instituto Biodinâmico (IBD), o qual é considerado uma das grandes certificadoras nacionais, a que, em todo o país, o total de bovinos em conversão ao manejo orgânico chega a 600.000 animais. Se esses dados se confirmarem, a área em manejo orgânico no Brasil poderá aumentar em proporções semelhantes a de países como Argentina, Austrália e vários países da Europa.

O número crescente de produtores orgânicos no Brasil está dividido em dois grupos: pequenos produtores familiares que fazem parte de associações e grupos de movimentos sociais, representando 90% do total de agricultores, responsáveis por cerca de 70% da produção orgânica brasileira; e os grandes produtores empresariais, que totalizam cerca de 10%, e estão ligados a empresas privadas. A produção de origem animal ainda está sendo pouco explorada, devido ao problema de falta de matéria-prima orgânica e por ainda possuir legislação inadequada (CAMARGO, 2004).

Segundo Mamede (2000), a produção de produtos orgânicos, tanto os grãos, quanto as carnes, ainda é considerada pequena, se comparada aos produtos não orgânicos. Porém, considera-se um mercado em pleno crescimento, pois o volume de negócios, em 2000, foi de aproximadamente US\$ 23,5 bilhões no mundo, sendo US\$ 10 bilhões somente nos EUA, US\$10,5 bilhões na Europa, US\$ 2 bilhões no Japão e cerca de US\$ 1 bilhão no resto do mundo.

2.2 Processo produtivo da pecuária orgânica

Os consumidores estão se tornando cada vez mais esclarecidos e exigentes com produtos de maior qualidade. No caso das carnes, a exigência dos consumidores está nos seus atributos intrínsecos de qualidade como maciez, sabor, quantidade de gordura, como também, pelas características de ordem ou natureza

voltadas para as formas de produção, processamento e comercialização.

De acordo com Luchiari Filho (2006), quando se trata de carnes, o termo qualidade é definido com os seguintes componentes:

- a) rendimento e composição: proporção de carne magra e gordura e o tamanho e a forma dos músculos;
- b) aparência e características tecnológicas: cor e textura da gordura, quantidade de marmorização do tecido magro, cor e capacidade de retenção de água e composição química do músculo;
- c) palatabilidade: textura, maciez, sabor, suculência e aroma;
- d) integridade do produto: qualidade nutricional, segurança química e biológica;
- e) qualidade ética: questões relacionadas ao bem estar animal.

Segundo Carrijo e Rocha (2002), no desenvolvimento da pecuária orgânica, para a produção do boi orgânico, devem existir primeiramente o respeito ao animal, ou seja, devem existir respeito à sua natureza, seus hábitos, costumes e fisiologia.

A filosofia da produção orgânica destaca a necessidade de se produzir alimentos em sistemas de produção integrados, sustentáveis para os seres humanos, para o meio ambiente e para a economia. Alguns princípios podem ser observados, segundo Figueiredo (2002):

- a) os sistemas de manejo devem seguir os mais altos padrões de bem estar;
- b) os animais devem ser alimentados com alimentos adequados às suas fisiologias;
- c) os alimentos devem ser produzidos principalmente na propriedade;
- d) a saúde animal deve ser mantida por meio de práticas de manejo saudáveis e preventivas;
- e) o uso de medicamentos químicos e de vacinações deve ser evitado, mas aceitável sob circunstâncias especiais;

f) homeopatia e outros regimes terapêuticos alternativos são encorajados nas situações de doenças, no entanto, o uso de quimioterápicos convencionais é aceitável apenas para evitar sofrimento do animal.

Na pecuária orgânica não é possível aceitar produção pecuária que danifique o meio ambiente em qualquer dos seus aspectos, e que imponha sofrimento desnecessário aos animais, tais como passar fome, sede, calor, frio, ataques por endoparasitas, bacterioses, viroses etc., pois serão animais com o bem estar prejudicado, mesmo que estejam sendo criados soltos, ao ar livre.

Segundo Carrijo e Rocha (2002), o processo de produção da pecuária orgânica é transformador e busca ser socialmente justo, inclusive pela transparência que deve transmitir à sociedade, da produção até a comercialização. O sistema pecuário orgânico brasileiro orienta-se pelos sistemas da Ifoam e do Mercado Comum Europeu (MCE).

Santos (2005) afirma que na implantação de qualquer sistema de produção, especialmente o orgânico, há necessidade de medir o impacto sobre atributos ambientais, como a erosão do solo, o estado de conservação das pastagens, a diversidade de plantas, as aves e a fauna, a qualidade da água, entre outros. Desta forma, seria necessário conhecer processos ecológicos ambientais para tomadas de decisões que possam servir como base para desenvolver e interpretar sistemas de monitoramento.

De acordo com Fonseca (2002), a conversão para o manejo orgânico leva dois anos, aproximadamente, começando-se a contar o tempo a partir da interrupção de qualquer prática ou uso de produto proibido pelas normas. De acordo com o mesmo, após 12 meses, entra-se no período de conversão, que pode ser encurtado dependendo do manejo do solo e da vegetação anterior, não podendo a pastagem estar degradada. A certificação da propriedade pode ser parcial, devendo novas áreas serem incorporadas num prazo máximo de cinco anos de conversão total da unidade produtiva.

Toda a propriedade em que se instala um projeto orgânico terá cinco anos para a conversão total de sua área ao sistema orgânico. Este tempo é muito importante, pois poderão se formar módulos orgânicos dentro de uma propriedade, possibilitando desta forma o contato gradativo com o sistema, facilitando assim o entendimento das normativas, técnicas e manejo da nova atividade, de tal modo que ao final de cinco anos, se o criador realmente optar pela conversão de toda a propriedade, ele estará fazendo uma opção consciente, inclusive com a avaliação de seus resultados financeiros (CARRIJO; ROCHA, 2002).

A escolha do gado para a propriedade é de fundamental importância, pois neste momento estará sendo determinando o sucesso ou insucesso do empreendimento. A relação genética do rebanho, manejo adotado e ambiente do local de criação, deve ser a mais harmônica possível.

Durante a escolha das raças ou linhagens deve-se levar em consideração a capacidade dos animais se adaptarem às condições do local, suas vitalidades, e suas respectivas resistências a doenças. As raças ou linhagens devem ser selecionadas de forma a evitar doenças específicas ou problemas de saúde, como exemplos: a síndrome do estresse, morte súbita, aborto espontâneo e a dificuldade de parto (FIGUEIREDO, 2002).

É muito importante a escolha da raça adequada à região de produção quanto à sua adaptação e resistência às condições de manejo que se pretende adotar. Nem por isso a variabilidade genética dos rebanhos tem sido desprezada, com possibilidade de inclusão de cerca de 20% de animais convencionais introduzidos no rebanho orgânico, com o objetivo de propiciar um melhoramento genético deste plantel (CARRIJO; ROCHA, 2002).

A alimentação do gado orgânico deve atender às necessidades nutricionais dos animais em suas várias fases de desenvolvimento, ao invés de maximizar a produção. Sua alimentação forçada é proibida.

A pastagem, nativa ou cultivada, é a base alimentar utilizada em sistemas de produção de carne orgânica. Os países tradicionalmente produtores de bovinos de corte

orgânico, como Argentina, Nova Zelândia e Austrália, fazem de suas pastagens o marketing básico de divulgação de seus produtos (HADDAD; ALVES, 2002).

Todos os animais na unidade de produção devem ser alimentados com alimentos produzidos organicamente, preferencialmente na própria unidade de produção, e quando houver a necessidade de adquirir mais alimentos, os mesmos devem vir de unidades de produção orgânica. A alimentação dos mamíferos jovens deverá ser baseada em leite natural, de preferência o leite materno, por um período mínimo. Os sistemas de criação para os herbívoros devem ser baseados no máximo uso de pastagem, de acordo com a disponibilidade de pastagem nos diferentes períodos do ano (FIGUEIREDO, 2002).

2.3 Rastreabilidade e certificação

Fonseca (2002) sugere que uma das vantagens do sistema orgânico de produção é o uso da rastreabilidade dos animais. Segundo o mesmo, o acompanhamento do rebanho dá-se desde o nascimento ou da entrada do animal na unidade certificada, e existe também o acompanhamento do rebanho por quilo vivo por hectare ao ano.

Segundo Carrijo e Rocha (2002), o sistema de produção de carne orgânica brasileira é mundialmente aceito porque tem boa origem, pois confere transparência e credibilidade ao processo de produção alimentar, do campo, ao processamento e distribuição, seja para o mercado interno ou externo. O sistema de rastreabilidade utilizado há alguns anos no Brasil, antes do sistema oficial atual estar em vigor, já permitia ao consumidor identificar:

- a) país de produção;
- b) estabelecimento que industrializa a carne;
- c) fazenda onde foi produzido o boi;
- d) lote a que pertencia o animal;
- e) alimentação recebida pelo lote;

f) tratamento sanitário dos animais;

g) origem do indivíduo.

Através deste sistema de rastreabilidade é possível caracterizar as informações de tal forma que é possível encontrar registros sobre procedimentos realizados com cada animal em particular. É possível ainda identificar também cada sistema de alimentação que o animal nutriu ao longo de sua vida, onde nasceu, quem era sua mãe e seu pai. Todo esse processo de rastreabilidade visa garantir saúde ao consumidor (CARRIJO; ROCHA, 2002).

Um elemento chave na produção e no mercado orgânico é a regulamentação. Segundo Fonseca (2002), o Plano Nacional de Controle de Resíduos Biológicos (PNCRB), do Ministério da Agricultura, tem confirmado nos últimos anos que a presença de resíduos de antibióticos, inseticidas e hormônios ainda apresentam índices alarmantes nos produtos provenientes de estabelecimentos fiscalizados pelo Serviço de Inspeção Federal (SIF), considerando ainda que nem todos os abates no Brasil são inspecionados. Por este motivo, há o interesse em um selo de qualidade em boas práticas de manejo na agricultura e na indústria.

Segundo Zylbersztajn e Scare (2003), a certificação de qualidade alimentar tornou-se uma ferramenta de mercado fundamental, incorporada ao segmento agroalimentar, principalmente em países desenvolvidos, cuja demanda aponta crescimento.

A certificação da produção orgânica nacional é realizada por 21 agências certificadoras, das quais 12 são nacionais e 9 internacionais, que atestam se a produção do alimento obedeceu às normas de qualidade orgânica. A maioria das certificadoras nacionais encontra-se no estado de São Paulo, e as internacionais são oriundas, sobretudo, de países da União Européia (CAMARGO, 2004).

Uma das grandes finalidades da certificação é a capacidade de rastrear a origem do produto orgânico. Normalmente, as certificadoras nacionais fornecem um certificado com um ano de validade e se paga uma taxa para utilizar seus respectivos

selos. Os custos de emissão do certificado orgânico, quando forem pelas certificadoras nacionais, variam de 0,5% a 2% do valor faturado para a mercadoria e cobram-se tantas vezes quantas sejam as remessas de produto que necessitem de certificação, no caso de exportação. Caso seja para o mercado interno, o valor é cobrado pelo total de produto certificado vendido pela empresa, não sendo necessário emitir certificados específicos para cada carga. Quando as certificadoras são internacionais, os custos de certificação são um pouco maiores, variando entre 2% e 5% do faturamento (CAMARGO, 2004).

2.4 O mercado consumidor da carne orgânica

Carrijo e Rocha (2002) afirmam que existe uma grande demanda e uma pequena oferta de produtos orgânicos, tornando o mercado excelente para o produtor, caracterizando-se como um mercado em crescimento, proporcionando remunerações satisfatórias e por vezes generosas aos produtores desta modalidade. Estes prêmios por qualidade fazem parte do modelo e de sua técnica produtiva, ao agregar valor a seus produtos antes da porteira, isto é, o produtor é considerado como o responsável e possuidor da qualidade dos alimentos e tem seu trabalho valorizado financeiramente por isso.

No mercado interno, de acordo com Camargo (2004), a maioria dos agricultores vende seus produtos orgânicos para grandes e pequenos varejistas, formados por lojas de produtos naturais, restaurantes e supermercados, associações ou unidades processadoras e distribuidoras, e venda direta, realizadas em feiras orgânicas, que movimentam entre R\$3 e R\$4 milhões de reais por ano, em cidades como Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Os agricultores que organizam as feiras são, em sua maioria, pequenos e filiados a associações, e, além

disso, as grandes cadeias de supermercados começam a abrir gôndolas exclusivas para produtos orgânicos, principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. Um dos entraves para uma expansão mais rápida das vendas nos supermercados são os preços, que ficam, em média, 30% acima dos similares convencionais.

A presença dos supermercados exerce uma função importante no segmento de produtos orgânicos, justamente por fazerem parte do processo de transformação na esfera do consumo alimentar, ao fornecer novas opções, com iniciativas cada vez mais importantes no que diz respeito às inovações e à qualidade dos alimentos. A tendência internacional coloca os supermercados como canal central e dominante na expansão do consumo de produtos orgânicos, sem levar em consideração os conflitos que podem existir entre fornecedores e produtores e a restrição atual do consumo às classes de maior poder aquisitivo (GUIVANT, 2003).

O selo de certificação é o que diferencia a carne orgânica das tradicionais nas gôndolas de supermercados, garantindo o processo extremamente natural de produção da carne orgânica, predominando uma qualidade elevada. Estudo realizado por Haddad e Alves (2005), em relação ao comportamento de compra de consumidores das classes A e B, em uma grande rede varejista, relata que o principal fator que faz com os clientes adquiram carne orgânica é a preocupação com a preservação ambiental em sintonia com o sistema de produção. Com isso, revela-se que os consumidores estariam dispostos a comprar a carne orgânica e que podem pagar cerca de 20% a mais sobre o preço das carnes tradicionais.

De acordo com Guivant (2003), à medida que cresce a oferta, e estimula-se o consumo, juntamente com as transformações nos padrões de estilo de vida, pode estar sendo gerada uma dinâmica de fortalecimento da produção orgânica, o que fugiria das previsões negativas de parte do movimento da agricultura orgânica.

3 Discussão dos resultados

É crescente a importância que os consumidores vêm atribuindo à origem dos alimentos e à segurança alimentar, e ainda há aqueles que estão preocupados com a questão ambiental, e que têm interesse em deixar para seus descendentes um local ambientalmente preservado como herança, no futuro.

Em busca de atender às necessidades dos referidos consumidores, e ao mesmo tempo reforçar correntes de preservação do meio ambiente, surgiu o conceito da alimentação ambientalmente correta, para a qual a carne bovina não surgiu como alvo de ataque, mas sim como agente transformador desta corrente.

A falta de comprometimento com os recursos naturais, que sempre foi parte inseparável da atividade da pecuária, contribuiu e ainda contribui para o desequilíbrio da planta, do solo e do animal, trazendo consequências desastrosas para o meio ambiente e para a própria atividade; tal aspecto é uma importante barreira não-tarifária a ser imposta por países ricos, nos próximos anos (EUCLIDES FILHO, 2000).

Em decorrência da degradação do meio ambiente, com intuito da formação de pastagens, em áreas com forrageiras nativas, assim como de sua formação e manutenção com a ajuda de fertilizantes químicos, e suas formas de exploração, surgiu o conceito de boi orgânico, que não diz respeito tão somente ao animal, mas engloba também todo o sistema do qual o mesmo faz parte, inclusive os insumos e pessoas que a esse sistema estão diretamente, ou indiretamente, relacionados.

Este novo conceito de produção de carne bovina orgânica permite oferecer ao consumidor um alimento livre de compostos químicos, que podem futuramente prejudicar a saúde de quem o consome, com garantias (concedidas pelas empresas certificadoras) de o mesmo ter sido produzido sem prejudicar o meio ambiente, e com o mínimo de mau trato em relação aos animais do rebanho.

Estas condições atingem sensivelmente os consumidores da carne do boi convencional que realmente se importam com a forma como foi produzido o alimento que levou para sua casa, embora ainda sejam poucos, se comparados com os que não se importam, mas que acabam se revelando como formadores de um grande mercado potencial.

Da mesma forma que a pecuária orgânica surge como interessante diferencial na mesa do consumidor, a pecuária convencional vem cada vez mais se firmando no mercado, em termos de tecnologia de produção, o que proporciona a redução dos custos e o aumento da produção, e, conseqüentemente, aumenta o consumo de carne bovina, à medida que aumenta a renda da população, mesmo que este aumento de produção venha às custas da degradação do meio ambiente.

De acordo com pesquisas realizadas (FONSECA, 2002), muitas pessoas não sabem o que é o boi orgânico, e nem os benefícios que o mesmo traz à saúde humana e à saúde do meio ambiente. No entanto, para que se faça justiça à formação de opiniões, é indiscutível que se conheça as peculiaridades que fazem o boi orgânico diferir do boi convencional, para que se possa, então, discutir e avaliar a real importância de conhecer suas semelhanças e suas diferenças, o que pode pesar na escolha e na decisão de compra final.

3.1 Características do sistema produtivo da pecuária orgânica

A pecuária de corte orgânica oferece como vantagem a sua forma de manejo ambientalmente justo e socialmente correto, proporcionando um alimento de alta qualidade, livre de agentes químicos para o consumidor. No entanto, sua produção é baixa, se comparada com a pecuária convencional, que utiliza insumos tecnológicos que permitem o aumento da produtividade em menor período de tempo, o que acarreta o aumento do valor da carne orgânica, considerando os custos da

certificação, quando chega até o consumidor final. Consequentemente, faz com que a carne orgânica seja, ao menos inicialmente, um produto voltado para um nicho de mercado, e não para as massas.

O quadro 1 mostra em detalhes o processo produtivo da pecuária orgânica, conforme as suas características peculiares.

QUADRO 01 - PROCESSO PRODUTIVO DA PECUÁRIA ORGÂNICA

| CARACTERÍSTICAS | PECUÁRIA ORGÂNICA |
|-------------------------|--|
| Manejo | O bem estar do animal e a preservação do meio ambiente são prioridade. Atenção especial às pessoas envolvidas no processo. |
| Reprodução | Monta natural. Inseminação artificial. Transferência de embriões é proibida |
| Pastagem | Pastagens naturais. Lotação de animais é planejada. Proibido o uso de produtos químicos. Utilização de recursos naturais renováveis. Pastejo diferido. |
| Suplementação Alimentar | Ensilagem, fenação, obedecendo às normas orgânicas de produção. Permitidos 10% de forragem convencional, desde que livre de agentes químicos. Ureia é proibida. Alimentação forçada é proibida. |
| Hormônios | Proibida a utilização de hormônios. |
| Aspectos Sanitários | Preocupação com a prevenção. Medicamentos homeopáticos. Medicamentos químicos em último caso. Antibióticos são proibidos. Vacinas de calendário. |
| Rastreabilidade | O acompanhamento do rebanho tem início desde seu nascimento, ou entrada do animal na unidade certificada, até o consumidor final. |
| Certificação | O produto orgânico só recebe esta classificação se possuir o selo de certificação. Já existem certificadoras conceituadas. Garante confiança e segurança ao consumidor. |
| Instalações | Devem atender às necessidades dos bovinos, visando seu bem estar e minimizando ao máximo seu estresse. Devem fazer parte de propriedades certificadas. |
| Transporte e Abate | A distância até o local de abate deve ser a mais próxima possível. O abate deve ser realizado em frigorífico credenciado, seguindo normas específicas. |

FONTE: Os autores (2006)

3.2 Identificação dos pontos fortes e pontos fracos da pecuária orgânica

Ao ser analisado o sistema de produção da pecuária orgânica, foram identificados pontos fortes, e pontos fracos, que constituem os principais fatores do referido sistema produtivo.

QUADRO 02 - PONTOS FORTES E FRACOS DO PROCESSO PRODUTIVO DA PECUÁRIA ORGÂNICA

| PONTOS FORTES | PONTOS FRACOS |
|--|---|
| A pastagem orgânica é a base da alimentação dos bovinos. É utilizado o pastejo diferido e não é permitida a lotação e nem a degradação do meio ambiente para a formação das pastagens. A alimentação dos animais é livre de produtos químicos. | As propriedades devem dispor de infraestrutura mínima para ser convertida ao manejo orgânico. Análises devem ser realizadas, e muitas delas impossibilitam a implantação do projeto orgânico, o que restringe o número de propriedades que poderiam atender o mercado consumidor. |
| O tratamento de doenças e parasitas é realizado de forma preventiva. Medicamentos alopáticos e antibióticos sintetizados são utilizados em último caso, sob a responsabilidade dos veterinários. As vacinas de calendário são realizadas regularmente, como a da febre aftosa. | A falta de excedente agrícola orgânico no país, que serve de suplementação alimentar no período da seca, é um problema sério para os bovinos em manejo orgânico, pois os referidos animais não podem consumir suplementos alimentares vindos de lavouras convencionais. |
| A rastreabilidade dos animais é um acompanhamento que tem seu início desde o nascimento do animal, ou de sua entrada na unidade certificada, até o consumidor final. | A falta de informações claras enfraquece os conceitos de produtos orgânicos junto aos consumidores, e muitos deles ainda não sabem o que é a carne orgânica. |
| A certificação é um selo de qualidade que oferece procedimentos e padrões básicos aos criadores, que devem ser rigorosamente respeitados e seguidos e que permitem ao consumidor a segurança de estar consumindo uma carne certificada por uma empresa séria e conceituada. | O mercado para o boi orgânico é muito restrito. Seu preço é mais caro em função da menor produtividade; devido à proibição de insumos modernos (que agredem o meio ambiente) e o custo da certificação, que onera ainda mais a produção. |

FONTE: Os autores (2006)

Conforme ressalta Medeiros (2002), pesquisador da Embrapa/CPAP, é pouco provável que a pecuária orgânica possa substituir a pecuária convencional, mas não é porque sua oferta atende aos mercados de alta renda que sua produção deverá ser desestimulada, muito pelo contrário, enquanto houver demanda, e mercado potencial, haverá estímulo para sua produção.

As pessoas devem ter as informações à sua disposição para terem acesso ao conhecimento sobre o sistema produtivo da pecuária orgânica. Os consumidores precisam saber que há mais uma opção de carne disponível no mercado e que eles podem escolher qual delas irá levar para sua mesa.

Conclusão

A carne bovina, consumida mundialmente, já passou, e ainda corre riscos de passar, por vários problemas de ordem sanitária como o mal da vaca louca e a febre aftosa, que abalam a confiança do consumidor, tornando-o inseguro na hora de comprar este produto ou mesmo promovendo um estímulo a optar por outros tipos de carne como a de frango, ou até substituir a carne bovina por outros tipos de alimentos, alimentos esses que não irão oferecer riscos à sua saúde.

A preocupação com o meio ambiente e com as reservas naturais que ainda existem, e a muito custo preservadas, também fazem parte do interesse de muitos consumidores.

Entretanto, embora tais preocupações possuam relevante importância, não podem ser um motivo para desestimular o consumo da carne bovina. Nesse sentido, a carne orgânica surge como uma alternativa capaz de atender este mercado cada vez mais exigente e preocupado com a segurança alimentar.

Justamente por possuir características socialmente justas (qual seja todas as pessoas envolvidas – direta e indiretamente, no sistema produtivo da pecuária bovina orgânica), e ambientalmente correta, conforme analisado neste artigo, o sistema produtivo da pecuária orgânica destaca-se em termos de qualidade, se comparado com o sistema produtivo da pecuária bovina de corte tradicional. Prova disto são as certificadoras que garantem ao consumidor um produto livre de resíduos químicos, sem falhas na produção e que não agridam o meio ambiente.

Segundo Ribeiro (2001), um dos fatores mais relevantes na decisão de compra da carne orgânica é

a segurança do alimento; os consumidores associam produtos orgânicos a uma alimentação mais saudável, e os problemas que a carne bovina produzida dentro dos padrões normais vêm sofrendo, contribuem ainda mais para esta associação.

De acordo com Fonseca (2002), os produtores e exportadores de produtos orgânicos em países de baixa renda encontram problemas específicos relacionados à produção, às políticas governamentais e à infraestrutura, ao transporte e carregamento, às informações de mercado e à certificação. Com relação à produção, a falta de conhecimento tecnológico sobre a prática de agricultura orgânica, a necessidade do resgate do conhecimento tradicional para combiná-lo com as tecnologias conhecidas, bem como a escassez de insumos disponíveis para uso se destacam como os principais problemas.

Os fatores do manejo orgânico que agregam valor à carne orgânica fazem com que sua oferta ainda seja baixa, aumentando seu preço ao consumidor final. Infelizmente, diante desse quadro, por enquanto, a carne orgânica abastece apenas um pequeno nicho de mercado, ou seja, as pessoas que possuem maior poder aquisitivo.

A carne bovina orgânica não surgiu para substituir a carne bovina convencional, mas sim como forma de atender determinadas necessidades de consumidores, um segmento que cresce significativamente, principalmente no mercado externo.

No Brasil, poucas pessoas têm conhecimento da carne bovina orgânica, a grande maioria não possui informações a respeito, portanto, a divulgação constitui fator essencial para a abertura do mercado interno para esse tipo de carne. E a partir desta abertura, quando os consumidores tiverem a oportunidade de escolher qual tipo de carne irão levar para sua família, ao tomarem conhecimento de seu processo produtivo e realizarem a comparação entre um e outro, provavelmente sentir-se-ão muito mais seguros ao realizarem sua escolha.

- Recebido em: 22/07/2009
- Aprovado em: 06/10/2009

Referência

ALIGLERI, L.; ALIGLERI, L. A.; KRUGLIANSKAS, I. **Gestão socioambiental**. São Paulo: Atlas, 2009.

CAMARGO, V. P. Algumas considerações sobre a construção da cadeia de produtos orgânicos. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.34, n.2, p.55-69, fev. 2004.

CARRIJO, M. C. G. R.; ROCHA, H. J. Carne orgânica: novos rumos para a pecuária de corte. In: CONFERÊNCIA VIRTUAL GLOBAL SOBRE PRODUÇÃO ORGÂNICA DE BOVINOS DE CORTE, 1., 2002. **Anais eletrônicos...** Embrapa, 2002. Disponível em: <<http://www.cpap.embrapa.br/agencia/congressovirtual/pdf/portugues/06pt02.pdf>>. Acesso em: 6 jun.2006.

EUCLIDES FILHO, K. **Produção de bovinos de corte e o trinômio genótipo- ambiente-mercado**. Campo Grande: Embrapa Gado de Corte, 2000.

FIGUEIREDO, E. A. P. de. Pecuária e agroecologia no Brasil. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.19, n.2, p.235-265, maio/ago. 2002.

FONSECA, M. F. Certificação de sistemas de produção e processamento de produtos orgânicos de origem animal: história e perspectivas. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.19, n.2, p.267-297, maio/ago. 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 8.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GUIVANT, J. S. Os supermercados na oferta de alimentos orgânicos: apelando ao estilo de vida *ego-trip*. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v.6, n.2, p.17-29, jul./dez. 2003.

HADDAD, C. M.; ALVES, F. V. Alimentos orgânicos para a suplementação de bovinos. In: CONFERÊNCIA VIRTUAL GLOBAL SOBRE PRODUÇÃO ORGÂNICA DE BOVINOS DE CORTE, 1., 2002. **Anais eletrônicos...** Cuiabá, Embrapa, 2002. Disponível em: <<http://www.cpap.embrapa.br/agencia/congressovirtual/pdf/portugues/03pt05.pdf>>. Acesso em: 6 jun.2006.

_____. Boi orgânico reflete consciência ambiental. **Revista Visão Agrícola – USP/ESALQ**, Piracicaba, v.2, n.3, p.25-33, jan./jun. 2005.

LUCHIARI FILHO, A. Produção de carne bovina no Brasil: qualidade, quantidade ou ambas. In: SIMPÓSIO SOBRE DESAFIOS E NOVAS TECNOLOGIAS NA BOVINOCULTURA DE CORTE, 2., 2006, Brasília. **Anais...** Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.upis.br/simboi/anais/Produ%E7%E3o%20de%20Carne%20Bovina%20no%20Brasil%20-%20Albino%20Luchiari%20Filho.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2006.

MAMEDE, N. **Entrevista concedida ao site Planeta Orgânico** – Novembro de 2000. Disponível em: <<http://www.planetaorganico.com.br/>>. Acesso em: 10 out. 2009.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 1996.

MATTAR NETO, J. A. **Metodologia científica na era da informática**. São Paulo: Saraiva, 2005.

MEDEIROS, S. R. Boi orgânico, boi verde e convencional podem ir mais longe, caminhando na mesma direção. **Agronline**, Curitiba, 25 set. 2002. Disponível em: <<http://www.agronline.com.br/artigos/artigo.php?id=84>> Acesso em: 7 jun. 2006.

ORMOND, J. G. P. et al. (Orgs.). Agricultura orgânica: quando o passado é futuro. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n.15, p.3-34, mar. 2002.

RIBEIRO, A. R. B. M. **Cadeia produtiva de carne bovina e o Mato Grosso do Sul**. Documento Final. Equipe Técnica: Agricon Consultoria/PENSA, jul.2001.

SANTOS, S. A. Sistema de pecuária bovina orgânica no Pantanal. **Revista Eletrônica de Veterinária – REDVET**, Espanha, v.6, n.7, jul. 2005. Disponível em: <<http://www.veterinaria.org/revistas/redvest/n70705.htm>>. Acesso em: 6 jun.2006.

ZYLBERSZTAJN, D.; SCARE, R. F. **Gestão da qualidade no agribusiness: estudos e casos**. São Paulo: Atlas, 2003.